

A origem mitológica do hífen.

Grapho, o deus da grafia, percebeu que poderia juntar duas palavras sem elementos de ligação e formar uma terceira com o sentido diferente das que se juntaram. Percebeu que, se conseguisse esse feito, promoveria muita economia lingüística. Pois não precisaria criar uma palavra totalmente nova para designar as coisas do mundo, bastava juntar duas que já existiam na língua para formar essa terceira. Passeando pelo jardim encantado de seu templo, viu um pássaro que encostava seu delicado biquinho nas flores e depois saía voando para outra numa dança veloz e agitada. Pensou: “parece que aquele passarinho está beijando as flores, vou nomeá-lo de *beija flor*.” Olhou para palavra e sentiu, no entanto, que ela mais parecia uma frase. Faltava alguma coisa em sua grafia para ela parecer um vocábulo que se referisse ao passarinho. Tentou usar uma barra entre elas, assim a grafou *beija/flor*. Mas ao olhá-la, ela não lhe parecia uma palavra única, na verdade, pareceu-lhe duas, a barra ao invés de unir, causou-lhe a sensação de que estava separando e não designaria o nome do agitado passarinho. Tentou uma vírgula, o mesmo se deu, pareceu-lhe uma minilista de duas palavras: *beija, flor*. Sem perceber, seu inseparável lápis escorrega de sua mão e grafa um tracinho acidentalmente entre *beija* e *flor*. A palavra ficou assim *beija-flor*. Percebeu que ali estava a solução, aquele traço ao invés de separar dava a idéia de junção, como se as duas palavras agora fossem um corpo só. Que nome daria a esse tracinho. Lembrou-se que, em grego, existia uma palavra que queria dizer: *juntos em um só corpo*. Sabe qual era essa palavra? Hífen. Daquele dia em diante, *Graphos* fez muita economia lingüística usando um hífen. Pois através dele construiu um só corpo juntando duas palavras, Saiu hifenizando para tornar um só corpo muitas palavras: tenente-coronel, seu-vizinho, rainha-cláudia etc.